



## RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID: É POSSÍVEL REALIZAR UMA AULA HISTÓRICA COM ALUNOS DO 7º ANO?

SOUZA, Arielly <sup>1</sup>  
RIBEIRO, Vivian <sup>2</sup>  
SOARES, Valter <sup>2</sup>

**RESUMO:** Este relato traz a experiência detalhada de um projeto de intervenção, realizado no PIBID, História UEFS, com a efetivação de uma aula histórica em uma turma do 7º ano, cujo objetivo principal foi discutir sua viabilidade metodológica. Assim, o relato conta com breve uma discussão bibliográfica acerca do tema, utilizando como principal referencial teórico o autor Jörn Rüsen. Ademais, consta também etapas da matriz da aula histórica, como o levantamento de ideias históricas da/os alunas/os, a centralidade do uso de fontes históricas para construção do conhecimento e encaminhamento da aula, as atividades de evidenciação realizadas, a dinâmica da turma e a relação com o conteúdo. Concomitante a isso, também trazemos nossas impressões sobre toda a experiência, as percepções acerca do levantamento de ideias prévias e o uso de fontes históricas, a interação e a recepção majoritariamente positiva dos alunos sobre elas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Histórica; PIBID; história; evidenciação; fonte

### 1 INTRODUÇÃO

O processo de entrada no e familiarização com o ambiente escolar para nós, iniciadas à docência, vieram acompanhado de uma série de reflexões teórico-didáticas sobre o ensino de História, endossada pelas leituras realizadas ao longo do programa a respeito do tema. Assim, as inquietações sobre o ensinar-aprender História foram se direcionando conforme o aprofundamento dos debates e a leitura da bibliografia acerca da Educação Histórica, referenciada teoricamente, entre outros, por Lee (1994), Rüsen (2010), Barca (2001) e Schmidt (2020). Isso porque estes historiadores e historiadoras propõem a ideia de que a educação histórica deve objetivar a formação da consciência histórica, definida por Rüsen (2010, p.57) como “[...] a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”. Dessa forma, a partir

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em História, Bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), IFRO, *Campus* Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). ariellycaminha@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em História, Bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), IFRO, *Campus* Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). vivisrib13@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Literatura e Diversidade Cultural e coordenador da área de História do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), IFRO, *Campus* Universidade Estadual de Feira de Santana. vgsoares@uefs.br.



da perspectiva deste autor, a consciência histórica é um fenômeno que entrecruza as escolhas práticas da vida e direciona ações através da interpretação e significação do tempo. Além disso, é importante ressaltar que a consciência histórica é entendida por Rüsen enquanto uma condição de existência do ser, um processo contínuo de significação do tempo, que é inerente ao ser humano.

Embora a interpretação do homem no tempo esteja ocorrendo o tempo inteiro e atuando diretamente na vida prática dos indivíduos, não há necessariamente a utilização consciente desse processo, de maneira que a consciência histórica intrínseca ao indivíduo pode ser elaborada e mobilizada pelo saber escolar mediante a ação de um profissional da área. Dessa forma, o professor enquanto mediador de aprendizagens, precisa reconhecer e acessar as bagagens previamente construídas pelos alunos acerca da História, já que, como dito, essas construções não ocorrem somente na escola.

Portanto, o levantamento de ideias históricas exerce uma função significativa no processo de construção de uma aula Histórica, uma vez que viabiliza o acesso às bagagens de conhecimento trazidas à sala de sala, elemento esse fundamental para a mobilização da consciência histórica no ambiente escolar, como afirma Ramos (2013, p.06), em: “se os conhecimentos prévios dos alunos são apreendidos pela pesquisa, possibilita-se uma ‘potencialização’ da aprendizagem histórica, pois estes conhecimentos prévios são marcos a partir dos quais os alunos darão significado aos conteúdos históricos escolares”. Dessa forma, o levantamento de ideias prévias também possibilita a identificação das carências de orientação de uma determinada turma, e serve como guia prático para elaboração das próximas aulas.

Além disso, na construção de uma aula Histórica, o processo de evidenciação das fontes é caminho essencial para a centralização do aluno na elaboração do seu conhecimento, assim como um exercício de interpretação consciente da História, o aprimoramento da leitura de mundo através da História, num processo conjunto com o educador, como ressaltado por Schimidt e Cainneli (2009, p. 117):

Nessa perspectiva, os documentos não serão tratados como fim em si mesmos, mas deverão responder às indagações e às problematizações de alunos e professores, com o objetivo de estabelecer um diálogo com o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo histórico a ser ensinado



Foi a partir destes pressupostos que projetamos a intervenção aqui relatada. Ela foi realizada no Centro de Educação Básica (CEB - UEFS), com alunos do 7º ano, na cidade de Feira de Santana. As aulas foram planejadas com o objetivo de trabalhar metodologias propostas pela Educação Histórica. Elas contam com o levantamento de ideias prévias e uso de fontes para o exercício de evidenciação e interpretação por parte dos alunos. Uma pergunta de pesquisa orientou a nossa ação educativa, e pode ser assim formulada: é possível realizar uma aula histórica com alunos do 7º ano?

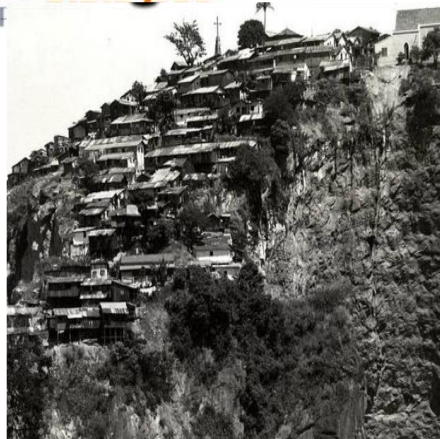
## 2 METODOLOGIA

Movidas por essa indagação, elaboramos um projeto cujo tema foi “O Processo de Criação das Favelas no Brasil”, com o objetivo de abordar temas como colonialidade e o contexto abolicionista. Nessa relação espaço-tempo, a meta era trabalhar as colonialidades como uma reinvenção da ideologia colonial que, embora não fosse mais institucionalizada desde o final do séc. XIX, ainda se apresentava nas dinâmicas sociais, se renova e se fortalece através do racismo estrutural e constituem base para o desenvolvimento do Brasil e das cidades brasileiras. A intervenção foi realizada em 3 aulas de 50 minutos na turma do 7º Ano C.

Assim estruturada, na primeira aula, foi feito um levantamento dos conhecimentos prévios do alunado em relação ao assunto, para que pudéssemos mapear o que eles já sabiam sobre e, com isso, quais carências de orientação temporal mais relevantes deveriam ser contempladas nas aulas seguintes. Para tal, no momento primeiro utilizamos uma atividade por escrito com duas questões: a primeira delas era um comparativo entre imagens do Morro da Providência em 1966 outra em 2015, numa sondagem acerca da capacidade do/das alunos/as estabelecerem relação passado-presente, suas observações nas mudanças físicas do local e as interpretações deles acerca da estrutura de uma favela e os perfis dos moradores:

Figura 01 - Morro da providência

Figura 02 – O morro da providência



Fonte : Agência O Globo.1966



Fonte: NETO, D. 2015

- 1) O que está sendo representado nas imagens acima?
- 2) As imagens são do mesmo período? Justifique sua resposta.
- 3) Você conhece algum espaço semelhante ao representado nas imagens em Feira de Santana? Se sim, qual (is)?
- 4) Como você acha que é o perfil de um morador desse espaço? Faça uma pequena descrição das características que você atribui a esses moradores

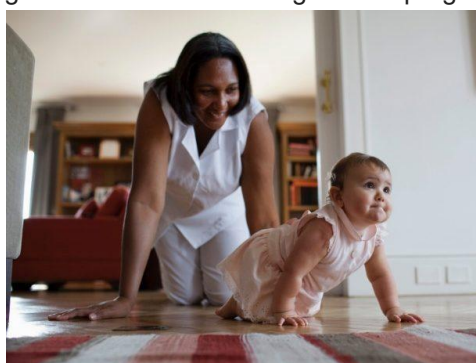
Na segunda questão, realizamos um comparativo entre duas imagens de babás em diferentes temporalidades, a primeira do século XIX e a segunda do século XX. A partir delas, foi solicitado a construção de uma pequena narrativa, destacando diferenças e semelhanças entre elas, segundo suas percepções. A atividade foi feita e recolhida em sala.

Figura 03 – Babá brincando com criança



Fonte: PAPP, J. 1899

Figura 04 – Anúncio de vaga de emprego



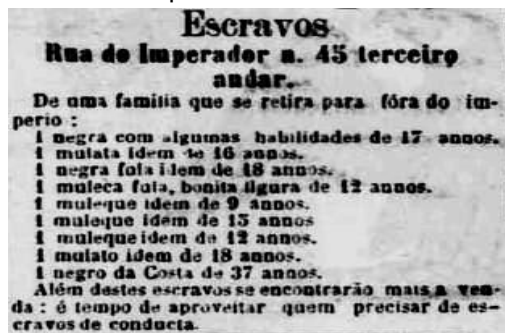
Fonte: empregos rios RJ, 2017

Em sequência, no momento dois, foi realizada uma breve revisão sobre a escravidão no Brasil, de maneira expositiva. Por fim, no momento três, utilizamos



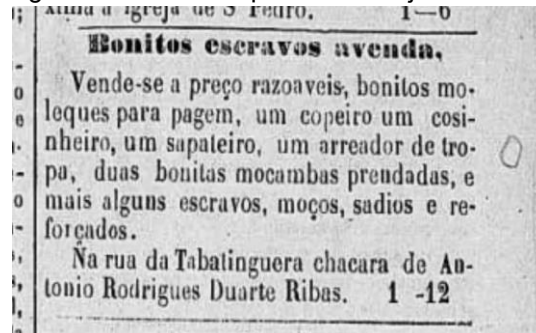
duas fontes para evidenciar, ambas anúncios de jornais do século XIX, que tratam da venda de escravizados, em diálogo com a exposição realizada no momento dois e exploradas a partir das questões seguintes, que foram respondidas e discutidas oralmente:

Figura 04 – Anúncio publicado no Jornal



Fonte: Jornal Pernambuco, 1866

Figura 05 – Anúncio publicado no jornal



Fonte: Jornal Correio Paulistano, 1862

- 1) Do que se trata o conteúdo dos anúncios? O que está sendo ofertado?
- 2) Esses anúncios são atuais ou não? Por quê?
- 3) De qual período histórico você acredita que se trata os anúncios acima? Quais elementos deste anúncio te fazem pensar nisso?

Após a análise das ideias prévias dos alunos, elaboramos as aulas seguintes. As aulas 2 e 3, eram geminadas, somando juntas 100 minutos. A temática das aulas foi: a escravidão, o pós-abolição e a criação de favelas no Brasil e novamente dividimos em três momentos: no primeiro momento foi feito um panorama geral sobre o Brasil escravista através da apresentação de um vídeo ilustrativo sobre o tema e uma revisão do Brasil Colonial. Em seguida, debatemos o vídeo através de questões envolvendo noções de passado-presente dos alunos, comparando o Brasil escravista com o Brasil do século XXI.

No segundo momento, foi realizada uma exposição sobre o processo gradual de abolição da escravidão no Brasil, ressaltando todas as leis que antecederam o 13 de maio. Assim, para a abordagem específica da Lei Áurea, utilizamos para atividade de evidenciar a manchete do jornal Gazeta de Notícias, que trazia a declaração do fim da escravidão no Brasil.

Figura 06 – Manchete do jornal Gazeta no dia seguinte à declaração do fim da escravidão

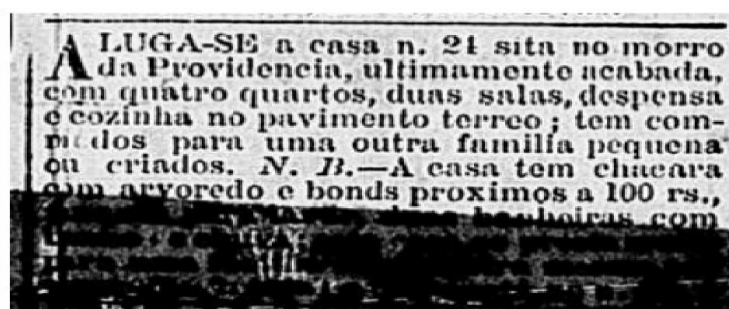


Fonte: Jornal Gazeta de notícias, 1888

- 1) Sobre o que se trata a matéria? Quando ela foi publicada? O que ela anuncia?
- 2) A quais pessoas a matéria está se referindo?
- 3) Na sua perspectiva, o que significa “Extinção da escravidão”?
- 4) Você concorda que o “Brazil ficou livre” depois da lei?
- 5) O que aconteceu com as pessoas que foram beneficiadas pela lei?
- 6) Ainda existe escravidão no Brasil?

No terceiro momento, foi realizada uma explicação acerca do pós-abolição, de maneira a ressaltarmos a situação dos negros escravizados que foram libertos e a falta de políticas de integração e condições dignas de trabalho a essa população, mesmo depois de livres. Para além disso, também foi abordado a influência da Guerra de Canudos nesse cenário, e seu papel fundamental na criação das primeiras favelas. Após a exposição do conteúdo, realizamos a última atividade de evidenciação das aulas 2 e 3, utilizando como fonte um anúncio publicado em 1879, no Jornal Gazeta de Notícias:

Figura 07 – Anúncio no jornal Gazeta de Notícias



Fonte: Jornal Gazeta de Notícias, 1879

- 1) Sobre o que se trata o anúncio?
- 2) Como vocês acham que é o perfil dessas pessoas que pensam em morar neste local?
- 3) Considera que as condições desta casa são boas para moradia?



Portanto, mediante as contextualizações necessárias, foi realizado um panorama entre o processo de construção das favelas e a dinâmica das favelas na atualidade: no que refere à população que reside nestes lugares, nas políticas públicas que os alcançam, na estrutura física e na qualidade de vida em geral. Sendo assim, encerramos a aula trazendo estas relações entre passado e presente, a fim de compreender a orientação temporal deles após o que foi ensinado e exercitado em sala de aula. Para isso, recorreremos frequentemente às fontes históricas e questionamentos acerca destas num exercício de autonomia na construção do conhecimento através dos processos de evidenciação propostos por nós.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O levantamento de ideias históricas do/as aluna/os (Aula 1) cumpriu com seus objetivos. Obtivemos 22 respostas escritas do questionário proposto, e pudemos identificar os perfis por eles traçados e suas interpretações acerca dos moradores das favelas, sendo usuais respostas que indiciam um critério socioeconômico, pois os moradores são vistos como: “pessoas pobres”, “pretas”, que “passam por algum tipo de dificuldade”, “humildes”, “de baixa renda” entre outros. O critério foi recorrente no exercício de comparação de fontes com temporalidades distintas (passado e presente), já que foi solicitado a identificação de semelhanças e diferenças entre as duas imagens das babás negras, ambas em situação de subserviência. As respostas foram majoritariamente relacionadas às condições de trabalho, com ênfase na identificação da condição de escravizada de uma babá enquanto a outra, segundo eles, trabalhava de maneira assalariada, sendo esta a principal diferença apontada pela a maioria dos alunos. Constatamos que ninguém escreveu sobre a permanência da situação de subserviência, em que as duas mulheres negras representadas nas imagens estavam ocupando, tampouco alguma menção à questão do racismo. Dessa forma, este diagnóstico, de uma maneira geral, apontou para a necessidade de elaboração das aulas posteriores com maior atenção às colonialidades, de maneira a trabalhar com a tese de que, mesmo com o fim da escravidão, a liberdade de fato não se efetivou. Quanto ao momento 02, no qual eles evidenciaram as fontes que descreviam características de escravizados à



venda, foi perceptível o impacto deles ao entrar em contato com experiências socialmente traumáticas, a exemplo da natureza mercantil o que estruturava a escravidão e por consequência a transformação de humanos em mercadoria. Esta experiência gerou, da parte de alguns, certa indignação pela situação.

Nas aulas 02 e 03 o uso das fontes rendeu interpretações bastante curiosas e genuínas, embora mais no plano da curiosidade do que em relação aos acontecimentos históricos. A primeira fonte evidenciada foi o anúncio do fim da escravidão, com a notícia da assinatura da lei Áurea, publicada no jornal Gazeta de Notícias. Não sem surpresa, evidenciamos que a grafia das palavras lhes causou mais impacto do que o conteúdo da notícia. No geral, as perguntas giraram em torno de saber: “Por que Brazil está sendo escrito com Z?” ou “Por que princesa está escrito com Z?”.

Após a exposição do conteúdo no terceiro momento, iniciamos a atividade de leitura e interpretação da imagem anúncio de uma casa no Morro da Providência, e orientamos a discussão a partir de questões feitas oralmente. Primeiro realizamos a leitura coletiva e em voz alta do anúncio, e fomos problematizando a interpretação da fonte a partir de questões vinculadas ao conceito de evidência histórica. Na questão 1 (*Do que se trata o anúncio?*), os alunos não tiveram dificuldade em identificar que se tratava de um anúncio de aluguel de uma residência. Na questão 2, sobre o perfil das pessoas moradoras do local, eles reiteraram e muitas das respostas indicaram pessoas negras, pobres, sem condições sociais, criminosas, como aquelas que geralmente moram nestes locais. Eles se utilizam de estereótipos, que permaneceram mesmo após as aulas, como detectados na atividade de levantamento de carência na primeira aula. Em relação à terceira questão (*Considera as condições de moradia da casa anunciada boas?*), muitos disseram que sim, considerando o local ser um morro, no caso uma favela.

Dessa maneira, julgamos que apenas três aulas não foram suficientes para contemplar todas as carências de orientação temporal outrora percebidas no levantamento e trabalhar todos os estereótipos por eles construídos, entretanto renderam boas reflexões e ampliações de perspectivas, as quais foram percebidas ao longo das aulas, reelaborando, certamente, seus conhecimentos prévios e protagonizando seus processos de aprendizado sobretudo na evidenciação das fontes. Além disso, o uso das fontes como metodologia para construção do conhecimento através dos processos de evidenciação foi elemento chave para o





desenvolver da aula, com a elaboração de perguntas deles acerca da fonte, leitura, percepções, reflexões o que mais lhes chamavam atenção a respeito destas, assim como as associações com conhecimentos previamente trazidos. Dessa maneira, a experiência aqui relatada converge com a afirmação da autora Schmidt (2020, p. 132) que diz:

O percurso em direção à reconstrução do método da ciência na aula pressupõe, entre outros, que, na relação de ensino e aprendizagem que ocorre nas aulas de história, não se realiza uma “transposição didática” dos saber sábio para o saber escolar, mas deve ser percorrido o mesmo processo construtivo da produção do conhecimento histórico, próprio da ciência da História. [...] As formas de organizar o ensino e a aprendizagem referem-se ao momento em que, tanto quem ensina, quanto quem aprende, assumem o estatuto narrativístico da ciência da História.

Ademais, a mediação para nós, iniciandas na docência, teve um papel formativo bastante valioso que se inicia desde a o embasamento teórico, através da bibliografia recomendada acerca do tema, a análise das fontes para o planejamento das aulas, a preocupação com a elaboração das perguntas que levaríamos em sala, uma vez que, para o processo de evidenciação da fonte, saber “como” e “o que” indagar é elemento central no processo de análise até a mediação de fato prática que precisamos exercer ao longo das aulas, de maneira, que a máxima de Freire (1996, p. 13) ganha ainda mais sentido para nossa formação, ao ser dito pelo autor que: “embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” ..

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, ao final do percurso percebemos que houve mudanças significativas na empatia histórica do/as aluno/as sobre as pessoas que residem em favelas, os quais muitas vezes criminalizados de forma generalizada. Isso para nós é um bom indicador de aprendizagem histórica.

Ademais, a pesquisa de fontes, sua seleção e problematização para fins de educação histórica, a programação e execução das aulas dentro do cronograma planejado no tempo, se constituiu em um grande aprendizado acerca das dores e delícias da docência em História. Na nossa vivência e experimentação no processo de planejamento e aplicação de uma aula respaldada nas metodologias da Educação Histórica, foi sim possível a realização de uma aula histórica com o uso central da evidenciação e interpretação de fontes, antecedido pelo levantamento das



ideias prévias. Com um adendo a ser ressaltado, foi percebido que a análise de fontes pode caminhar múltiplas perspectivas do/as aluno/as, não necessariamente aquelas previstas pelo professor. Assim, é importante que o profissional que media o aprendizado histórico em sala de aula esteja atento e preparado para isso. Certamente a escola em que trabalhamos ofereceu todos os recursos necessários para a aplicação da aula, ponto este que deve ser considerado na viabilidade de se construir uma aula histórica. Por tudo isso, avaliamos a experiência como bem-sucedida, e com ganhos valiosos para nossa formação profissional.

## 5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de História

## REFERÊNCIAS

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

JUNIOR, José Petrúcio Farias. Estratégias de leitura para fontes históricas escritas na educação básica. v. 4 n. 1 (2012). Artigos Originais. 2012-08-03

(MARRERA, Fernando Milani & SOUZA, Uirys Alves de. “A tipologia da consciência histórica em Rüsen”. In: **Revista Latino-Americana de História**. v. 2, n. 6. Ago. 2013 – Edição Especial, p. 1070.

Márcia Elisa Teté Ramos (2013). Educação Histórica: articulação orgânica entre investigação e ação. **XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **Didática reconstrutivista da história**. Curitiba: CRV, 2020. 128 - 157p

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene (2009). **Ensinar história**. 2 ed., São Paulo: Editora Scipione